

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ
UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL
NÚCLEO DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA
GRADUAÇÃO DE LICENCIATURA EM LETRAS PORTUGUÊS**

REGILENE DA SILVA OLIVEIRA

**EXPLORANDO AS DIMENSÕES DA INTERTEXTUALIDADE:
UMA ANÁLISE EM DIFERENTES CONTEXTOS LITERÁRIOS**

ELESBÃO VELOSO

2024

O48e Oliveira, Regilene da Silva.

Explorando as dimensões da intertextualidade: uma análise em diferentes contextos literários / Regilene da Silva Oliveira. - 2025.

26 f.

Monografia (graduação) - Universidade Estadual do Piauí-UESPI, Universidade Aberta do Brasil-UAB, Núcleo de Educação a Distância-NEAD, Licenciatura em Letras - Português, polo de Elesbão Veloso-PI, 2025.

"Orientador: Prof. Esp. Djalma Carvalho da Silva".

1. Intertextualidade. 2. Referências Textuais. 3. Gêneros Literários. I. Silva, Prof. Esp. Djalma Carvalho da . II. Título.

CDD 801.93

REGILENE DA SILVA OLIVEIRA

**EXPLORANDO AS DIMENSÕES DA INTERTEXTUALIDADE:
UMA ANÁLISE EM DIFERENTES CONTEXTOS LITERÁRIOS**

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura Plena em Letras Português, modalidade EaD, da Universidade Estadual do Piauí, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Letras Português.

Orientador: Prof. Djalma Carvalho da Silva

ELESBÃO VELOSO

2024

REGILENE DA SILVA OLIVEIRA

**EXPLORANDO AS DIMENSÕES DA INTERTEXTUALIDADE:
UMA ANÁLISE EM DIFERENTES CONTEXTOS LITERÁRIOS**

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura Plena em Letras Português, modalidade EaD, da Universidade Estadual do Piauí, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Letras Português.

Orientador: Prof. Djalma Carvalho da Silva

Aprovada em: ____/ __/ ____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Esp. Djalma Carvalho da Silva – NEAD/UESPI

Presidente

Profa. Esp. Joana Daque Sampaio dos Santos – UFPI

Banca Examinadora

Profa. Esp. Maria Deuzanir da Silva – UFPI

Banca Examinadora

As minhas filhas amadas: Ana Maria Silva e Mariana Silva, que são minha inspiração e força, que me ensinam cada dia mais o que é crescer como pessoa. Ao meu esposo Edson, que é meu grande incentivador e companheiro de todos os momentos.

A mim que mesmo diante dos desafios e das dificuldades, em momento algum pensei em desistir.

Ao meu orientador Djalma Carvalho pela sua incansável dedicação e atenção.

AGRADECIMENTOS

A Deus em primeiro lugar, por me permitir chegar até aqui, com saúde e força.

A minha família que sempre acreditou que eu seria capaz de concluir este curso, por sonharem comigo e fazerem parte deste momento, em especial meu esposo, minhas duas filhas, minha mãe e meus irmãos.

Meu orientador, professor Djalma Carvalho da Silva pela paciência, dedicação e comprometimento com seu trabalho.

A todos os professores e tutores que deram sua contribuição ao longo do curso para que este momento fosse possível.

A todos meu respeito e minha gratidão!

“Qualquer texto se constrói como um mosaico de citações e é absorção e transformação de outro texto”

Júlia Kristeva

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo investigar as diversas manifestações da intertextualidade em contextos literários distintos, com o intuito de compreender como as referências entre textos contribuem para a construção de significados nas obras literárias. O problema central abordado é a falta de uma análise abrangente das nuances desse fenômeno, considerando como ele influencia a interpretação dos leitores e a inovação literária. A pesquisa será estruturada a partir da análise de diferentes tipos de intertextualidade em obras selecionadas, explorando sua relevância em gêneros, estilos e períodos históricos variados. O referencial teórico baseia-se principalmente em autores como Júlia Kristeva e Mikhail Bakhtin, que destacam a importância do dialogismo e da polifonia na literatura. A metodologia adotada será de caráter descritivo-explicativo, com foco em uma pesquisa bibliográfica, examinando obras que exemplifiquem a intertextualidade e suas dinâmicas. Espera-se que os resultados deste estudo contribuam para a discussão sobre a criatividade e a construção de novos significados na literatura.

Palavra-Chave: Intertextualidade, Referências Textuais, Júlia Kristeva, Gêneros Literários

ABSTRACT

This work aims to investigate the different manifestations of intertextuality in different literary contexts, with the aim of understanding how references between texts contribute to the construction of meanings in literary works. The central problem addressed is the lack of a comprehensive analysis of the nuances of this phenomenon, considering how it influences readers' interpretation and literary innovation. The research will be structured based on the analysis of different types of intertextuality in selected works, exploring their relevance in different genres, styles and historical periods. The theoretical framework is mainly based on authors such as Júlia Kristeva and Mikhail Bakhtin, who highlight the importance of dialogism and polyphony in literature. The methodology adopted will be descriptive and explanatory in nature, focusing on bibliographical research, examining works that exemplify intertextuality and its dynamics. It is hoped that the results of this study will contribute to the discussion about creativity and the construction of new meanings in literature.

Keywords: Intertextuality, Dialogismo, Polyphony, Julia Kristeva, Mikhail Bakhtin, Literary Innovation, Textual References, Literary Genres.

Sumário

1. Introdução	9
2. Referencial Teórico	10
2.1. Conceito de intertextualidade.....	10
2.2. Dialogismo e a influência de Mikhail Bakhtin.....	10
2.3. Intertextualidade como Prática Literária	12
2.4. A relação entre texto, autor e leitor.....	13
2.5. Intertextualidade e Inovação Literária	14
3. Metodologia	15
3.1. Tipo de Pesquisa	17
4. Resultado e Discussão	19
4.1. Contribuições da Intertextualidade para a Inovação Literária	19
4.2. Síntese dos Resultado.....	21
4.3. Implicações para Estudos Futuros	22
4.4. Impacto da intertextualidade na construção de significados	22
4.5. Discussão de resultados	23
4.6. Interpretação do Leitor e as referências intertextuais	24
5. Conclusão.....	25
6. Referências Bibliográficas	26

1- INTRODUÇÃO

A intertextualidade é um conceito fascinante que explora como os textos se conectam e dialogam entre si, formando uma rede de significados que vai além de suas palavras individuais. Essa interação ocorre quando um texto faz referência direta ou indireta a outro, seja por meio de citações, alusões, paródias ou recriações. Em um mundo onde a literatura, a cultura e a comunicação estão constantemente em transformação, a intertextualidade revela como as ideias transitam entre diferentes contextos, adaptando-se e adquirindo novos sentidos.

Neste trabalho, buscamos compreender como essas relações intertextuais se manifestam em diversos cenários literários, observando como autores dialogam com obras anteriores, inspiram-se mutuamente e reconstroem narrativas existentes. Ao explorar essas conexões, não apenas iluminamos a complexidade dos textos, mas também ampliamos nossa compreensão sobre a criatividade e a interação humana na construção de significado. Essa análise nos convida a enxergar a literatura como um espaço dinâmico, onde o passado e o presente se encontram, resultando em uma rica teia de influências e interpretações.

A intertextualidade é um conceito que mostra como os textos estão sempre conectados uns aos outros, revelando o lado coletivo e histórico da criação literária. Cada obra carrega traços de outras, seja porque o autor se inspirou conscientemente, seja porque, de forma natural, dialoga com tradições culturais e literárias. Isso prova que nenhum texto existe sozinho; todos fazem parte de uma grande rede de histórias, ideias e símbolos que atravessam o tempo.

Nesse processo, o leitor tem um papel muito importante, pois é ele quem identifica e cria as conexões entre as obras. A literatura, assim, pode ser vista como uma conversa contínua, onde vozes do passado e do presente se misturam para criar novos significados. Quando analisamos essas interações, não entendemos apenas o texto, mas também o contexto histórico e cultural que o influenciou.

Podemos perceber a intertextualidade em diferentes gêneros e estilos, como em poemas que trazem elementos de mitos antigos ou em romances que reinventam histórias já conhecidas. Ao observar essas relações, percebemos como a criatividade humana transforma o antigo em algo novo, dando vida a uma arte que mistura inovação e tradição.

2- REFERÊNCIAL TEÓRICO

2.1. Conceito de intertextualidade

A intertextualidade traz como conceito fundamental para a compreensão das relações entre textos literários e sendo responsável por enriquecer a análise e a interpretação de uma obra. Desenvolvido inicialmente por Júlia Kristeva, a partir das ideias de Mikhail Bakhtin, o conceito tem por efeito a ideia de que um texto é uma criação integralmente original e independente, sugerindo que ele dialoga com outros textos, seja por meio de manifestada pelo autor ou subtendidas.

Júlia Kristeva, em seus estudos na década de 1960, foi uma teórica pioneira a desenvolver a ideia de intertextualidade, baseando-se no conceito de "dialogismo" de Bakhtin. Para Kristeva, todo texto é uma interseção de outros textos, um mosaico de citações. Em seu trabalho "A Revolução na Linguagem Poética" (1974), Kristeva argumenta que um texto nada mais é que um resultado da combinação de várias vozes e discursos que o precedem, o que ela chamou de "polifonia". Essa polifonia sugere que a criação literária é um processo coletivo de significação, em que diferentes vozes e referências se cruzam.

2.2. O Dialogismo e a influência de Mikhail Bakhtin

Bakhtin, por sua vez, desenvolveu a ideia de dialogismo no final dos anos 1920. Segundo Bakhtin, o discurso literário não se dá de forma isolada, mas sempre em interação com outros discursos. Em sua obra "Marxismo e Filosofia da Linguagem" (1929), Bakhtin introduziu a noção de que todo enunciado é marcado por um diálogo constante, seja com outros textos ou com os contextos sociais e históricos que o cercam. Segundo Bakhtin, a literatura não é monológica (uma única voz), mas dialógica, em constante interação com outras vozes. Esse conceito contribui para a compreensão de que o texto literário está em contínua comunicação com outros textos, criando um espaço onde várias perspectivas coexistem.

O dialogismo, desenvolvido por Mikhail Bakhtin no final dos anos 1920, é uma ideia que busca explicar como os discursos e as palavras estão sempre em interação. Para Bakhtin, nenhuma palavra ou texto existe de forma isolada; eles estão constantemente ligados a outros textos, vozes e contextos. Isso significa que, quando falamos, escrevemos ou lemos, estamos sempre dialogando, mesmo que indiretamente, com outras pessoas, com a sociedade e com a história.

Na visão de Bakhtin, a literatura é um exemplo claro de como essa interação acontece. Ele acreditava que o texto literário não é algo fechado ou feito por uma única voz dominante. Em vez disso, é como se várias vozes estivessem conversando dentro do texto, cada uma trazendo suas próprias ideias, perspectivas e contextos. Esse tipo de interação, que ele chamou de "dialogismo", mostra que um texto está sempre em comunicação com outros textos e com o mundo à sua volta.

Além disso, Bakhtin argumentava que toda linguagem é carregada de significados sociais e culturais. Quando usamos as palavras, não estamos apenas nos expressando, mas também respondendo a algo que já foi dito antes e deixando espaço para que outras pessoas respondam a nós. Essa troca constante de ideias e significados é o que faz da comunicação humana algo tão rico e dinâmico.

O dialogismo, portanto, não é algo que acontece apenas na literatura. Ele está presente em todas as formas de comunicação e nos mostra que a interação é a essência da linguagem. Tudo o que dizemos ou escrevemos carrega a marca de outras vozes e, ao mesmo tempo, influencia os outros ao nosso redor. É como se cada palavra fosse parte de uma conversa infinita, onde diferentes pontos de vista coexistem e se transformam com o tempo.

"O sentido não reside no sistema de linguagem em si, mas entre os participantes da comunicação, entre os falantes e os ouvintes."

Essa frase ilustra como, para Bakhtin, a linguagem ganha vida e significado na interação, no diálogo entre diferentes vozes e contextos.

O diálogo, no sentido estrito do termo, não constitui, é claro, senão uma das formas, é verdade que das mais importantes, da interação verbal. Mas pode-se compreender a palavra "diálogo" num sentido amplo, isto é, não apenas como a comunicação em voz alta, de pessoas colocadas face a face, mas toda comunicação verbal, de qualquer tipo que seja. (Bakhtin, 2012, p. 117)

Essa citação de Bakhtin fala sobre o "diálogo" de uma maneira mais ampla. Ele explica que o diálogo não se refere apenas à conversa entre duas pessoas, mas a qualquer forma de comunicação verbal, seja falada ou escrita. Para Bakhtin, o diálogo é uma maneira importante de interação humana, onde as palavras e ideias se trocam entre as pessoas, criando novos significados. Ele vê o diálogo como algo presente em muitos contextos, não só na fala direta, mas também em textos e outras formas de comunicação. Isso também se conecta à ideia de que os textos "conversam" entre si, compartilhando e transformando significados.

2.3. Intertextualidade como Prática Literária

A intertextualidade pode se manifestar de várias formas nas obras literárias. Pode ser vista de maneira explícita, através de citações diretas, paródias ou alusões claras a outros textos, ou de maneira mais sutil, por meio de temas, estruturas ou estilos que remetem a outras obras. Por exemplo, a presença de um mito clássico em uma obra contemporânea é uma forma de intertextualidade que enriquece a leitura, pois convida o leitor a fazer conexões entre o antigo e o novo.

Conforme Ducrot (1987), a ideia de "polifonia" nos textos reforça a noção de que há sempre mais de um locutor ou perspectiva presentes, mesmo em textos aparentemente monológicos. Essas diferentes vozes convivem dentro da narrativa, e o leitor é convidado a identificar e interpretar essas várias camadas de significado.

A polifonia, um conceito trabalhado por Ducrot e inspirado nas ideias de Bakhtin, nos mostra que em um texto nunca existe apenas uma voz ou perspectiva única. Mesmo quando parece que só há um narrador ou uma pessoa falando, outras vozes e pontos de vista também estão presentes, de maneira direta ou indireta. Essas vozes convivem no texto, criando uma riqueza de significados que o leitor pode explorar e interpretar.

No caso de uma narrativa, por exemplo, o narrador pode trazer opiniões de outras pessoas, ideias de grupos sociais ou até de uma cultura inteira, mesmo que não diga isso claramente. Essas diferentes vozes se misturam e formam um texto mais complexo, que reflete a diversidade da vida e das experiências humanas. Por isso, um texto polifônico não é algo fechado ou com apenas uma interpretação possível, mas algo aberto, cheio de camadas para o leitor descobrir.

Ducrot também destaca que, quando falamos ou escrevemos, nosso discurso sempre carrega outras intenções e posições, mesmo que não percebamos. Por exemplo, alguém pode incluir a opinião de outra pessoa só para discordar dela. Isso mostra como os textos sempre têm um diálogo em andamento, mesmo que ele não seja óbvio à primeira vista.

Assim, a polifonia nos faz entender que o leitor não é apenas um ouvinte passivo, mas uma parte ativa na construção do significado. Cabe a ele descobrir essas diferentes vozes e entender como elas se relacionam. Essa ideia nos lembra que a linguagem e os textos são tão ricos porque nunca pertencem a uma única voz, mas a muitas.

2.4. A Relação Entre Texto, Autor e Leitor

Outro ponto importante ao discutir a intertextualidade é a relação entre o texto, o autor e o leitor. Enquanto o autor cria a obra inserida em um contexto literário e cultural que o influencia, o leitor também desempenha um papel ativo no processo de significação. O leitor traz suas próprias experiências e conhecimentos de outros textos ao ler uma nova obra, o que reforça o caráter dialógico da literatura. Essa interação é parte essencial da construção de significado e evidencia como a intertextualidade pode gerar novas interpretações.

A interação entre texto, autor e leitor é um tema central na teoria literária, amplamente discutido por estudiosos como Roland Barthes e Julia Kristeva. Julia Kristeva, ao introduzir o conceito de intertextualidade, afirmou que todo texto é um mosaico de citações, uma transformação contínua de outros textos. Nesse sentido, ela sugere que as obras literárias não existem de forma isolada, mas estão sempre dialogando com outros contextos literários e culturais. Esse diálogo não envolve apenas o autor, mas também o leitor, que desempenha um papel ativo na construção dos significados.

Roland Barthes, em seu célebre ensaio "A Morte do Autor", aprofundou essa discussão ao argumentar que o significado de um texto não é determinado exclusivamente pelo autor. Para ele, o texto é um campo aberto de interpretações, e o leitor é o verdadeiro protagonista nesse processo. Cada leitor traz suas próprias experiências, referências culturais e leituras anteriores, o que resulta em uma multiplicidade de sentidos. Dessa forma, o autor deixa de ser a autoridade suprema sobre sua obra, e o texto se transforma em um espaço de criação compartilhada.

A intertextualidade, portanto, não se limita ao ato de escrever. Ela também se manifesta no ato de ler, pois a leitura é um processo dialógico no qual o leitor contribui ativamente para a construção de significados. O texto torna-se um ponto de encontro entre diferentes vozes e contextos, abrindo-se a novas interpretações a cada interação. Assim, tanto Kristeva quanto Barthes destacam que o sentido de uma obra literária está em constante transformação, moldado pela riqueza das bagagens culturais e literárias de seus leitores.

Um texto não é uma linha de palavras liberando um único sentido, mas um espaço multidimensional no qual diversas escritas, nenhuma delas original, se cruzam e se chocam. O texto é um tecido de citações, oriundo dos mil focos da cultura. (Barthes, 2004, p 4)

Essa citação reflete a visão de Barthes de que o texto é uma construção

coletiva, onde a presença do autor é descentralizada, e o significado emerge do diálogo entre diferentes discursos culturais e a interpretação do leitor.

2.5. Intertextualidade e a Inovação Literária

A intertextualidade, além de enriquecer o processo de leitura, também desempenha um papel importante na inovação literária. Ao referenciar e reinterpretar obras passadas, os autores conseguem subverter expectativas e introduzir novas formas de expressão. Isso pode ocorrer tanto em obras que prestam homenagem aos textos originais quanto em obras que os criticam ou desconstróem, criando novos significados e perspectivas.

O estudo da intertextualidade é essencial para entender a complexidade da produção literária e como várias influências se entrelaçam no processo criativo. Com as teorias de Júlia Kristeva e Mikhail Bakhtin, conseguimos perceber como os textos dialogam uns com os outros, influenciando tanto a criação quanto a interpretação das obras. A intertextualidade amplia nossa compreensão sobre o papel do leitor, que, ao reconhecer essas referências, participa ativamente na construção dos significados. Dessa forma, a intertextualidade enriquece a literatura e expande os horizontes interpretativos, permitindo novas interpretações e inovações literárias surgirem a partir desse diálogo contínuo entre textos.

A intertextualidade segundo Kristeva, traz contribuições valiosas para a inovação literária ao permitir que os autores utilizem referências de outras obras em suas criações. Em vez de uma obra ser vista como uma criação isolada, ela é entendida como parte de um diálogo contínuo com outras obras e tradições culturais. Isso dá ao escritor a possibilidade de explorar diferentes textos e contextos, combinando-os de novas maneiras para criar significados diferentes.

As ideias descritas sobre intertextualidade estão relacionadas aos estudos teóricos de Julia Kristeva, que introduziu o termo nos anos 1960, a partir das influências de Mikhail Bakhtin. Kristeva argumenta que todo texto é um mosaico de citações e que está em constante diálogo com outros textos, direta ou indiretamente. Em sua visão, uma obra literária nunca é completamente original, mas sim o resultado de uma rede de interações com textos anteriores e com a cultura em geral.

Outros teóricos, como Roland Barthes, também exploraram essa noção. Barthes, por exemplo, afirmou que a ideia de "autor" como criador único e original deveria ser substituída pela ideia de "escrita" como um espaço onde várias vozes, tradições e influências se encontram e se misturam.

"Todo texto é a absorção e transformação de um outro texto." Essa frase encontrada em seu ensaio *Word, Dialogue, and novel* (1966): "*Palavra, Diálogo e Romance*" traduzido para o português sintetiza a ideia de que nenhum texto é criado de forma isolada, mas sempre dialoga com outros textos e contextos culturais, ampliando os significados e possibilitando a inovação literária.

Além disso, a intertextualidade amplia o espaço para a experimentação. Permite que os escritores rompam com normas literárias estabelecidas, criando novas estruturas narrativas, formas poéticas ou estilos que desafiam os leitores a enxergar o texto de forma diferente. Reutilizar citações e referências a obras anteriores não é apenas uma repetição, mas uma forma de revisitar e repensar esses textos dentro de um novo contexto.

Para o leitor, a intertextualidade oferece uma experiência enriquecedora, pois reconhecer referências e suas transformações pode abrir novos níveis de interpretação e significado. Isso cria uma leitura mais ativa, onde o leitor participa do processo criativo do autor. Dessa forma, a intertextualidade não só permite a criação de novas obras, mas também expande as possibilidades de expressão artística, estabelecendo um campo fértil para a inovação literária.

3. METODOLOGIA

Para desenvolver este estudo sobre intertextualidade, usamos uma abordagem baseada em leitura, pesquisa e interpretação de textos. O processo foi dividido em três etapas principais:

Foi pesquisado o que grandes estudiosos dizem sobre o tema, como Julia Kristeva e Mikhail Bakhtin e Gil. Essa pesquisa ajudou a entender melhor o conceito de intertextualidade e como ele aparece nos estudos sobre literatura.

Gil enfatiza que a metodologia qualitativa deve ser flexível, permitindo que o pesquisador se ajuste conforme os dados vão sendo coletados e analisados, com a possibilidade de explorar múltiplas interpretações e significados. Ele destaca que esse tipo de pesquisa se preocupa com a compreensão do contexto e com a análise dos processos subjetivos que envolvem a produção e a recepção dos textos.

Na pesquisa sobre intertextualidade, Gil defende que a análise deve ser sensível ao modo como as obras literárias dialogam entre si. Isso envolve não apenas identificar as referências, citações ou influências explícitas, mas também explorar as relações entre os textos, os contextos culturais, sociais e históricos em que foram

produzidos. Ele sugere que, para entender plenamente o significado de um texto, o pesquisador deve considerar os diálogos entre as obras, levando em conta a subjetividade e a interpretação do leitor.

A metodologia de Gil, portanto, se aplica perfeitamente à análise literária e comparativa, pois permite um olhar aprofundado sobre como os textos se conectam, reinterpretam e transformam temas ao longo do tempo.

Foram escolhidas obras literárias de diferentes gêneros, épocas e estilos, como poemas, contos e romances. Essas obras foram selecionadas porque apresentam exemplos claros de intertextualidade, como referências, citações ou recriações de outros textos.

Analizamos os textos escolhidos, procurando identificar como eles se conectam a outros textos ou contextos. Observamos de que forma os autores fazem esses diálogos e como isso enriquece o significado das obras e a experiência de quem lê.

Com essa metodologia, juntando teoria e prática, conseguimos explorar como a intertextualidade funciona e sua importância na literatura e na troca de ideias entre autores e leitores.

3.1. TIPO DE PESQUISA

Trata-se de uma pesquisa qualitativa com foco em análise literária e análise comparativa. Esse tipo de pesquisa permite explorar em profundidade como as obras literárias dialogam entre si e de que forma os autores utilizam referências e reinterpretações para tratar temas semelhantes. Aqui estão algumas das características principais da metodologia que poderia ser adotada para esse tipo de pesquisa:

Baseia-se em teorias de intertextualidade, como as de Julia Kristeva, Mikhail Bakhtin e Gérard Genette. A análise literária permite interpretar como os autores utilizam as referências para enriquecer o significado de suas obras.

Examina as diferentes formas de intertextualidade, como paródia, citação, pastiche, e homenagens culturais, identificando o impacto dessas estratégias no significado da obra e na experiência do leitor.

Mikhail Bakhtin, filósofo russo considerado um “filósofo da interação”. Ele acreditava que a comunicação acontece na interação discursiva entre os sujeitos, e que a realidade fundamental da língua é a interação verbal. defendia que a intertextualidade é a noção de que um texto não existe sem outro, permitindo o diálogo

entre discursos ajudou a entender como os textos e discursos estão sempre conectados. Ele acreditava que toda comunicação é um diálogo, ou seja, cada palavra ou texto sempre responde a algo que já foi dito e influencia o que será dito depois. Para Bakhtin, a linguagem nunca existe sozinha; ela está sempre ligada a outras ideias, vozes e contextos.

Uma de suas principais ideias é a polifonia, que ele usou para explicar os romances de Dostoiévski. Polifonia significa que, em um texto, podem existir muitas vozes diferentes, cada uma com sua própria visão, sem que nenhuma domine completamente. Isso mostra como os textos podem ser ricos e cheios de perspectivas variadas. Ele também falou sobre a heteroglossia, que é a mistura de diferentes formas de falar e escrever, refletindo as diversas culturas, histórias e situações sociais que existem em uma sociedade.

Outra ideia importante de Bakhtin é a carnavalização. Ele explicou que, em certos momentos, como no carnaval, as regras e hierarquias são subvertidas, e diferentes formas de expressão se misturam. Isso também acontece nos textos, que podem combinar estilos e ideias de várias fontes para criar algo novo.

As ideias de Bakhtin foram muito influentes para o conceito de intertextualidade, que foi desenvolvido mais tarde por Julia Kristeva. Esse conceito explica que nenhum texto é totalmente original, pois todos os textos se relacionam com outros, absorvendo e transformando ideias já existentes. Assim, Bakhtin nos ajuda a entender que a comunicação e a literatura são sempre fruto de um diálogo constante, cheio de influências e conexões.

No Brasil, vários teóricos foram fundamentais para a consolidação da teoria da intertextualidade. Haroldo de Campos e Décio Pignatari são exemplos notáveis de como essa teoria foi integrada à crítica literária e ao pensamento cultural no país. Campos, por exemplo, explorou a intertextualidade como um espaço de diálogo entre textos de diferentes tradições culturais. Sua abordagem à linguagem poética destacou como ela se transforma ao ser transposta de uma língua para outra, revelando as complexas interações entre obras e culturas distintas.

Já Décio Pignatari trouxe uma visão distinta, aplicando a intertextualidade especialmente à poesia concreta, onde diferentes textos se cruzam e se influenciam, criando novos significados. Ambos os teóricos mostraram como a intertextualidade não é apenas uma técnica de composição literária, mas uma lente pela qual se pode entender a literatura como um campo dinâmico de relações e transformações.

Essa perspectiva amplia nossa compreensão sobre a criação literária, revelando como os textos se interligam, se influenciam mutuamente e desafiam as normas estabelecidas, abrindo espaço para novas experimentações e interpretações.

Este tipo de pesquisa qualitativa, com uma abordagem analítica e comparativa, proporciona um entendimento abrangente da intertextualidade na literatura, revelando a riqueza das interações entre textos e os temas recorrentes que eles abordam. Essa metodologia permite identificar como os autores transformam as referências e exploram novos ângulos sobre temas tradicionais, contribuindo para a inovação literária e para a crítica cultural.

4. Resultado e Discussão

4.1. Contribuições da Intertextualidade para a Inovação Literária

Alusão

"Morte e Vida Severina" (1956) de João Cabral de Melo Neto:

"Eu sou Severino, nome de quem não tem nome. Eu sou um de tantos que morrem, que nascem, sem ter onde, como, porquê."

Este poema épico brasileiro traz alusões à literatura de cordel e ao sofrimento do sertanejo, ecoando temas e figuras de outras obras literárias sobre o sertão, mas sem citar diretamente.

No caso de *Morte e Vida Severina*, de João Cabral de Melo Neto, o poema não faz citações explícitas, mas faz referência a outras obras literárias sobre o sertão, como a literatura de cordel. Ao falar do sofrimento dos sertanejos, o poema traz à tona temas e figuras que já haviam sido exploradas em textos anteriores, como a luta contra a seca e a busca por uma vida melhor. Assim, a intertextualidade no poema é uma maneira de estabelecer um diálogo com essas obras, mesmo sem mencioná-las diretamente.

"O Primo Basílio" (1878) de Eça de Queirós:

"Era uma daquelas almas, que nascem com a impressão de que nada lhes pode fazer mal. Uma dessas almas que a vida envolve de uma capa de indiferença e de prazer, sem nunca lhes tocar fundo."

Em *O Primo Basílio*, de Eça de Queirós, a intertextualidade acontece quando o autor faz referências a outras obras literárias, culturais ou até mesmo a conceitos e estilos de escrita que já existiam. O romance se insere em uma tradição literária realista e traz influências de outros autores que criticavam a sociedade de sua época. Assim, *O Primo Basílio* dialoga com essas obras, refletindo sobre as falhas

humanas e a sociedade, sem citar diretamente esses autores. A intertextualidade, nesse caso, enriquece a narrativa e amplia o significado do texto.

Paródia

"Dom Quixote" (1605) de Miguel de Cervantes:

"Em um lugar da Mancha, de cujo nome não quero lembrar-me, não ha muito tempo que vivia um fidalgo de los de lanço en embudo, adarga antigua, rocín flanco e galgo corredor."

Em *Dom Quixote*, de Miguel de Cervantes, a intertextualidade acontece quando o autor faz referência aos romances de cavalaria que eram populares na época. A obra é uma paródia desses romances, ou seja, ela brinca com as ideias e personagens típicos dessas histórias, como cavaleiros valentes e donzelas em perigo. Ao fazer isso, Cervantes cria um diálogo com esses textos, mostrando como as ideias de honra e heroísmo, muito idealizadas na literatura medieval, podem ser irreais e até engraçadas no contexto da vida real. Assim, *Dom Quixote* utiliza a intertextualidade para questionar e criticar os valores dos romances de cavalaria, trazendo um olhar mais cômico e reflexivo.

Adaptação e Releitura

"Hamlet" (1603) de William Shakespeare e "Rosencrantz e Guildenstern Estão Mortos" (1966) de Tom Stoppard: A intertextualidade entre *Hamlet*, de William Shakespeare, e *Rosencrantz e Guildenstern Estão Mortos*, de Tom Stoppard, acontece quando Stoppard usa personagens e elementos de *Hamlet* para criar uma história.

Em *Rosencrantz e Guildenstern Estão Mortos*, os dois personagens secundários de *Hamlet* ganham destaque, e a obra brinca com a ideia de que eles não sabem o que está acontecendo no enredo principal, trazendo um olhar cômico e filosófico sobre os eventos de *Hamlet*. A intertextualidade, nesse caso, cria uma ligação entre os dois textos, mostrando como a história original pode ser reinterpretada de formas diferentes e até engraçadas.

"Orgulho e Preconceito e Zumbis" (2009) de Seth Grahame-Smith: *"Elizabeth Binet, armada com suas lâminas afiadas e sua habilidade inigualável em combate, não tinha tempo para considerações sociais. Ela avançava com fúria, cortando cabeças de zumbis, sem parar. A prioridade era sempre a segurança da família, mas também estava determinado a manter sua postura de dama."*

Esta é uma adaptação humorística de *Orgulho e Preconceito* de Jane

Austen, que incorpora zumbis à história original. Trata-se de uma releitura satírica e uma fusão de gêneros. a intertextualidade ocorre quando o autor mistura a história original de *Orgulho e Preconceito*, de Jane Austen, com elementos de ficção de zumbis. Ele mantém a trama principal do romance clássico, mas insere zumbis e cenas de ação no meio das situações sociais e românticas de Austen. Essa fusão cria um diálogo entre os dois textos: enquanto o romance de Austen trata de questões sociais e relações pessoais, Grahame-Smith adiciona uma camada de humor e fantasia, fazendo com que a obra se refira a um clássico, mas com uma reinterpretação divertida e surpreendente.

Intertextualidade Cultural e Mitológica

"Grande Sertão: Veredas" (1956) de João Guimarães Rosa:

"Não me lembro mais do começo. Mas lembro que me disseram que uma vez já fui feliz, e isso ficou, ficou como se fosse. [...] Eu tenho tudo que posso, e o que tenho não sei se quero."

A obra utiliza a mitologia sertaneja e referências à literatura de aventura épica para criar um "mundo mitológico" brasileiro, reinterpretando o mito do herói através do personagem Riobaldo. a intertextualidade se manifesta na maneira como o autor faz referência a várias tradições literárias e culturais, como a literatura de cordel e o romance regionalista. Guimarães Rosa mistura elementos da oralidade, do mito e da linguagem popular do sertão, criando um texto que dialoga com outras obras sobre o sertão e o Brasil.

Ele também se inspira em grandes obras da literatura mundial, como o épico e a filosofia, incorporando essas influências ao contar a história de Riobaldo e sua jornada. A intertextualidade enriquece a obra, ampliando seu significado e conectando-a com outras tradições literárias.

Hipertexto e Fragmentação

"Se um Viajante Numa Noite de Inverno" (1979) de Italo Calvino:

"Você começa a suspeitar que está em um livro, mas não sabe se você é o leitor ou o personagem. E se você for o personagem, quem está lendo a história? E se você fosse o narrador, quem é o leitor? A dúvida se mistura com a ficção e a realidade, até que você não sabe mais onde um começa e o outro termina."

Esta obra é um exemplo de intertextualidade hipertextual, onde o leitor é inserido em uma narrativa fragmentada que remete a outros livros dentro do próprio enredo, criando uma experiência metanarrativa.

Homenagem (Intertextualidade Implícita)

"O Nome da Rosa" (1980) de Umberto Eco:

"Eu sou o que leio e o que escrevo, e sou o que tento entender, e sou o que posso imaginar, e sou o que resta de tudo isso."

O romance é uma homenagem à literatura medieval e aos textos religiosos e filosóficos do passado. Embora não cite diretamente, recria o clima e as ideias dessa época, estabelecendo um diálogo indireto com essas obras.

"Macunaíma" (1928) de Mário de Andrade:

"Macunaíma era um herói sem nenhum caráter. Não tinha nem fé, nem esperanças, nem princípios. Era vagabundo, e só andava à toa pela vida."

Essa obra modernista brasileira é uma homenagem à cultura popular e aos mitos indígenas brasileiros, misturando-os com elementos modernos numa narrativa que explora a identidade nacional.

Essas obras exemplificam como a intertextualidade se manifesta em diferentes formas, seja como citação, alusão, paródia ou mesmo em releituras e adaptações culturais. A análise dessas obras permite compreender melhor como o diálogo entre textos e tradições literárias enriquece a literatura e provoca reflexões sobre o papel da narrativa e da linguagem ao longo do tempo.

A intertextualidade permite que autores usem temas recorrentes na literatura como o heroísmo, a crítica social, o destino ou o conflito entre realidade e ilusão de maneiras que ressoam com o passado e inovam na interpretação desses temas. Abaixo, está detalhado como alguns dos autores e obras mencionadas utilizam a intertextualidade para explorar temas semelhantes:

4.2. Síntese dos Resultados

A intertextualidade ajuda os autores a inovarem, trazendo novos significados e questionando as tradições literárias. Ela cria uma ligação entre diferentes culturas, histórias e ideias, tornando os textos mais interessantes e amplificando as possibilidades de interpretação. Além disso, o leitor tem um papel importante, pois precisa identificar essas referências e relacioná-las, o que enriquece sua compreensão da obra.

Os resultados obtidos nesta análise também revelam que a intertextualidade não é apenas um recurso de enriquecimento literário, mas uma forma de inovação. Ao se apropriar de textos passados, os autores não se limitam a reproduzi-los, mas os transformam, criando algo novo e único.

4.3 Implicações para Estudos Futuros

Também seria importante estudar como as redes sociais influenciam a criação de intertextos na literatura atual. Outro ponto relevante seria investigar como a intertextualidade pode conectar diferentes culturas e como isso impacta a literatura. A intertextualidade é um tema amplo, com muitos aspectos para serem explorados em futuros estudos.

A intertextualidade também abre novas perspectivas para o estudo da diversidade cultural. Como as referências a diferentes tradições culturais e literárias podem transformar a forma como lemos e entendemos o mundo.

A análise da intertextualidade nas obras literárias é um processo que permite explorar a riqueza de significados gerados pelas conexões entre diferentes textos.

A identificação de referências intertextuais é o primeiro passo dessa análise, sendo possível observar as citações diretas, as alusões sutis e as influências narrativas que um autor pode empregar em sua obra. Essas referências podem não ser explícitas, mas muitas vezes são construídas de maneira que o leitor atento consegue perceber os ecos de outras produções literárias ou culturais.

A intertextualidade manifesta-se de diversas maneiras, sendo possível distinguir entre diferentes tipos, como a explícita e a implícita. A intertextualidade explícita ocorre quando há uma referência clara a outro texto, seja por meio de uma citação direta ou de uma menção evidente.

Já a intertextualidade implícita envolve um vínculo mais sutil, que exige uma interpretação mais aprofundada por parte do leitor, ao reconhecer temas, personagens ou símbolos presentes em outras obras.

Além disso, a intertextualidade pode se expandir além da literatura, alcançando outras formas de expressão cultural, como música, cinema ou eventos históricos, que dialogam com a obra literária e a enriquecem.

4.4. Impacto da Intertextualidade na Construção de Significados

O impacto da intertextualidade na construção de significados de uma obra é profundo. A relação com outros textos não apenas adiciona camadas de interpretação, mas também cria um campo dinâmico de leitura.

Quando um autor se apropria de uma obra anterior, ele pode reinterpretá-la, mudando seu significado ou oferecendo uma nova perspectiva. Esse processo gera uma rede de significados que se estende para além do próprio texto, convidando o

leitor a uma leitura ativa e interpretativa.

A presença da intertextualidade também permite que o significado da obra seja moldado pelas experiências e pelo conhecimento prévio do leitor, o que torna a leitura uma experiência única e pessoal. Além disso, a intertextualidade pode ser uma ferramenta de subversão, ao questionar as convenções literárias estabelecidas e apresentar novas formas de pensar e expressar a realidade.

A intertextualidade não só amplia a compreensão de uma obra literária, mas também transforma a própria leitura, pois oferece múltiplas possibilidades de interpretação e cria um espaço de diálogo entre os textos. Isso torna a literatura uma rede rica de significados que se alimenta da história literária e cultural, ao mesmo tempo em que oferece novas formas de pensar o presente.

4.5. Discussão de resultados

A intertextualidade nas obras literárias traz contribuições importantes tanto para a inovação na literatura quanto para a interação entre o texto e o leitor. Ela permite que diferentes textos se conectem, criando formas de expressão e enriquecendo o conteúdo cultural.

A intertextualidade nas obras literárias é muito importante, pois ajuda a criar novas formas de expressão e faz com que os textos se conectem entre si. Isso enriquece a literatura e cria mais significado para o que está sendo lido. Quando um autor usa referências de outros textos, ele oferece ao leitor a chance de fazer novas descobertas, de refletir sobre como os diferentes textos se relacionam e de entender a obra de um jeito mais profundo.

A intertextualidade dá ao autor a liberdade de experimentar e fazer algo único, criando um espaço onde várias ideias podem ser exploradas ao mesmo tempo. Para o leitor, isso torna a leitura mais divertida e desafiadora, pois ele é convidado a pensar de maneiras novas e a fazer conexões entre diferentes obras. Dessa forma, a intertextualidade não só torna os textos mais ricos, mas também fortalece a relação entre o livro e o leitor, criando uma experiência de leitura mais profunda e envolvente.

A intertextualidade ajuda a inovar na literatura ao permitir que os autores usem, adaptem e até questionem obras anteriores. Quando um escritor se inspira em outros textos, ele pode apresentar novas ideias ou mudar a forma como um tema é abordado. Isso cria uma forma de narrativa mais original e criativa. A intertextualidade também permite misturar diferentes estilos literários, gêneros e culturas, o que traz mais diversidade para a literatura. Com isso, os autores podem criar obras que

conversam com várias influências, ampliando o alcance e a complexidade dos textos.

A intertextualidade contribui para a inovação literária ao permitir que os escritores usem, adaptem e questionem textos e ideias já existentes. Quando um autor se inspira em outras obras, ele pode trazer novas perspectivas ou mudar a maneira como certos temas são abordados. Isso gera narrativas mais originais e criativas.

Além disso, a intertextualidade permite misturar diferentes estilos literários, gêneros e até influências culturais. Dessa maneira, os autores podem criar obras que conversam com várias referências, tornando os textos mais diversificados e complexos.

4.6. Interpretação do Leitor e as Referências Intertextuais

A intertextualidade exige que o leitor participe de forma mais ativa ao interpretar o texto. Quando uma obra faz referência a outras, é importante que o leitor tenha algum conhecimento sobre essas referências para entender melhor o que está sendo dito. Isso cria diferentes camadas de significado, dependendo daquilo que o leitor já sabe. Se o leitor não conhece as obras de referência, ele pode ter uma visão diferente, mas também pode se interessar por descobrir essas conexões.

A intertextualidade transforma a leitura em uma experiência mais interativa, onde o leitor não é apenas quem recebe informações, mas também quem ajuda a construir o significado da obra. Ao reconhecer essas referências, o leitor pode entender a obra de forma mais profunda. Além disso, as referências intertextuais podem ajudar a questionar ideias ou padrões estabelecidos, desafiando o leitor a pensar de maneira diferente sobre o tema ou a história.

Em resumo, a intertextualidade não só traz inovação para a literatura, criando narrativas mais ricas e diversificadas, como também torna a leitura uma experiência mais dinâmica, onde o leitor é convidado a participar ativamente da construção dos significados.

5. Conclusão

A análise da intertextualidade nas obras literárias mostrou como ela é importante para tornar os textos mais criativos e para envolver o leitor de maneira mais profunda. Ao conectar diferentes obras e referências culturais, os autores conseguem criar narrativas mais ricas e complexas. Ao mesmo tempo, os leitores são desafiados a perceber essas conexões e a refletir sobre os significados presentes no texto, tornando a leitura uma experiência mais ativa.

O papel do leitor nesse processo é fundamental. Ao identificar e compreender as referências intertextuais, o leitor se torna um participante ativo na construção do significado da obra. Em vez de simplesmente receber o conteúdo, ele é desafiado a relacionar o que está lendo com outras obras e contextos culturais, o que amplia sua interpretação.

A intertextualidade é uma maneira de conectar diferentes textos e referências culturais dentro de uma obra, tornando a leitura mais rica e interessante. Quando um autor faz essas conexões, ele cria uma história mais profunda e cheia de camadas. Para o leitor, isso significa que, além de ler o que está escrito, ele também deve perceber e entender essas ligações com outras obras ou contextos culturais, o que torna a experiência de ler mais ativa e reflexiva.

O papel do leitor nesse processo é muito importante. Ao reconhecer essas referências e relacioná-las com outras coisas que já conhece, o leitor contribui para o significado da obra, não apenas aceitando o que o autor diz, mas criando sua própria interpretação. Isso transforma a leitura em uma troca de ideias, onde o leitor e o autor participam juntos na construção do sentido do texto.

Em resumo, a intertextualidade faz a leitura mais envolvente e criativa, pois faz o leitor pensar de maneiras novas e explorar diferentes pontos de vista, além de ajudar o autor a criar algo mais original e interessante.

6. Referências Bibliográficas

BARTHES, Roland. A morte do autor. In: O rumor da língua. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

KRISTEVA, Julia. Introdução à semanálise: o texto da novela. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Perspectiva, 1974.

KRISTEVA, Julia. *História do amor*. Tradução de Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Rocco, 2010.

CAMPOS, Haroldo de. *O verbo e a letra: ensaios de teoria e crítica literária*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1984.

CAMPOS, Haroldo de. *O Homem sem alma e outras interseções: literatura, tradução e teoria*. São Paulo: Perspectiva, 2003.

Décio Pignatari:

PIGNATARI, Décio. *A arte no horizonte da comunicação*. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2003.

PIGNATARI, Décio. *Poema/Processo*. São Paulo: Perspectiva, 1970.

GIL, Antonio Carlos. *Como Elaborar Projetos de Pesquisa*. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2019.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da Criação Verbal*. Tradução de Paulo Bezerra. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da Poética de Dostoievski*. Tradução de Sérgio L. P. Paiva. Rio de Janeiro: Editora Ouro Sobre Azul, 2015.